

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL EM SÃO PAULO:

dinâmicas territoriais no lado leste

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

CANUTTI, Rita Cassia

Doutora em Planejamento Urbano; Centro Universitário SENAC/SP

ritacanutti@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa a dinâmica socioespacial do Lado Leste do município de São Paulo, articulando transformações recentes do processo de urbanização às permanências da desigualdade urbana. Partindo das interpretações clássicas sobre a segregação socioespacial, discute sua reconfiguração a partir de mudanças econômicas, institucionais e territoriais observadas entre 2000 e 2014. Com base em dados censitários, indicadores de mobilidade, informações sobre vulnerabilidade social e padrões de ocupação do solo, o artigo demonstra que a ampliação do acesso à infraestrutura e a intensificação de políticas públicas não resultaram na superação das desigualdades, mas em sua reorganização em bases mais complexas. O Lado Leste configura-se como um território marcado por heterogeneidade, no qual melhorias nas condições urbanas coexistem com a persistência de precariedades relacionadas à habitação, mobilidade e inserção no mercado de trabalho. Argumenta-se que a produção do espaço urbano resulta da articulação entre ação estatal, dinâmicas do mercado e estratégias de reprodução social da população, configurando territorialidades em que formalidade e informalidade se sobrepõem.

Palavras-chave: desigualdade socioespacial; periferia urbana; produção do espaço.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

The article analyzes the socio-spatial dynamics of the eastern side of the municipality of São Paulo, articulating recent transformations in the urbanization process with the persistence of urban inequality. Drawing on classical interpretations of socio-spatial segregation, it discusses its reconfiguration in light of economic, institutional, and territorial changes observed between 2000 and 2014. Based on census data, mobility indicators, social vulnerability measures, and land use patterns, the article demonstrates that the expansion of access to infrastructure and the intensification of public policies did not lead to the overcoming of inequalities, but rather to their reorganization on more complex bases. The eastern side emerges as a heterogeneous territory in which improvements in urban conditions coexist with persistent precarities related to housing, mobility, and labor market insertion. It is argued that the production of urban space results from the articulation between state action, market dynamics, and social reproduction strategies, configuring territorialities in which formality and informality overlap.

Keywords: Socio-spatial inequality; urban periphery; production of space.

RESUMEN

El artículo analiza la dinámica socioespacial del sector este del municipio de São Paulo, articulando las transformaciones recientes del proceso de urbanización con la persistencia de la desigualdad urbana. A partir de las interpretaciones clásicas sobre la segregación socioespacial, se discute su reconfiguración a la luz de cambios económicos, institucionales y territoriales observados entre 2000 y 2014. Con base en datos censales, indicadores de movilidad, información sobre vulnerabilidad social y patrones de ocupación del suelo, el artículo demuestra que la ampliación del acceso a la infraestructura y la intensificación de las políticas públicas no condujeron a la superación de las desigualdades, sino a su reorganización sobre bases más complejas. El sector este se configura como un territorio heterogéneo, en el cual las mejoras en las condiciones urbanas conviven con la persistencia de precariedades relacionadas con la vivienda, la movilidad y la inserción en el mercado de trabajo. Se sostiene que la producción del espacio urbano resulta de la articulación entre la acción estatal, las dinámicas del mercado y las estrategias de reproducción social de la población, configurando territorialidades en las que se superponen formalidad e informalidad.

Palabras clave: Desigualdad socioespacial; periferia urbana; producción del espacio.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

A urbanização brasileira, marcada por seu caráter acelerado e desigual, produziu metrópoles nas quais a distribuição da população, da infraestrutura e das oportunidades se organiza de forma assimétrica. No caso de São Paulo, esse processo consolidou um padrão histórico de segregação socioespacial frequentemente interpretado a partir da noção centro–periferia, que, embora ainda relevante, não explica integralmente as formas contemporâneas de diferenciação urbana.

Nas últimas décadas, transformações associadas à reestruturação econômica e às mudanças no padrão de urbanização vêm produzindo rearranjos nas periferias metropolitanas, sem que isso implique a superação das desigualdades historicamente constituídas.

Apesar do debate sobre a produção do espaço urbano na metrópole paulistana, ainda persiste o desafio de compreender como diferentes dimensões da vida urbana se articulam na constituição das periferias contemporâneas, especialmente no que se refere às formas de diferenciação socioespacial que se produzem no interior desses territórios.

É nesse contexto que este trabalho toma o Lado Leste do município de São Paulo como recorte empírico, entendendo-o como território de análise das transformações recentes da urbanização metropolitana. Trata-se de uma porção da cidade na qual se concentram processos históricos de produção desigual do espaço urbano, cujas formas contemporâneas ainda demandam investigação articulada.

O recorte temporal da análise compreende, em sua base principal, o período entre 2000 e 2014, com referências a processos anteriores e desdobramentos mais recentes, permitindo situar as transformações observadas em uma perspectiva de maior duração das dinâmicas metropolitanas.

Do ponto de vista metodológico, a análise baseia-se na sistematização de dados secundários, leitura territorial e produção cartográfica, mobilizados de forma integrada para apreender a distribuição espacial das desigualdades e suas formas de manifestação no espaço urbano. Esses materiais são compreendidos como indicadores de processos sociais e territoriais.

Nesse sentido, o estudo se insere no campo das pesquisas sobre urbanização desigual e produção do espaço, buscando contribuir para a compreensão das periferias metropolitanas a partir de uma abordagem empírica situada. A análise desenvolvida nas seções seguintes parte desse enquadramento para examinar o Lado Leste como expressão das dinâmicas contemporâneas da desigualdade socioespacial em São Paulo.

PENSAR FORA DO EIXO

1. DO MODELO CENTRO-PERIFERIA À RECONFIGURAÇÃO DAS DESIGUALDADES URBANAS

As interpretações sobre a urbanização brasileira evidenciam que a produção do espaço urbano está diretamente articulada às dinâmicas de reprodução do capital. Nesse quadro, a segregação socioespacial não constitui um efeito secundário do crescimento urbano, mas um de seus mecanismos estruturantes, expressando no território condições desiguais de acesso à cidade e de reprodução da vida urbana.

No caso de São Paulo, esse processo se materializa historicamente na consolidação do modelo centro–periferia como chave interpretativa. Nesse arranjo, a concentração de renda, infraestrutura e serviços nas áreas mais centrais e valorizadas se contrapõe à expansão das classes populares em direção às periferias metropolitanas, configurando uma estrutura de diferenciação territorial associada às formas de inserção no mercado de trabalho e às condições de acesso à terra urbanizada.

A formulação de Kowarick (1979) é central para compreender essa dinâmica ao indicar que a urbanização brasileira se estrutura a partir de um padrão de espoliação urbana, no qual a reprodução da força de trabalho ocorre sob condições desiguais. Nesse contexto, a precariedade urbana não aparece como desvio do processo de urbanização, mas como uma de suas formas constitutivas, vinculada à própria lógica de produção da cidade.

A atuação do Estado desempenha papel decisivo nesse processo. Ao regular o uso do solo, concentrar investimentos e estruturar políticas urbanas, o Estado participa da produção das desigualdades territoriais. Essa intervenção opera de maneira seletiva, reforçando padrões de concentração de infraestrutura e contribuindo para a consolidação de assimetrias duráveis no espaço urbano (Maricato, 2000; 2011).

A partir dos anos 1990, a reestruturação produtiva e as transformações no mercado de trabalho introduzem inflexões relevantes nesse padrão, sem romper seus fundamentos. A expansão do setor de serviços, a diversificação das formas de inserção econômica e as mudanças nos padrões de consumo aumentam a heterogeneidade interna das periferias urbanas, complexificando suas formas de organização social e territorial.

Esse processo não elimina a lógica centro–periferia, mas a reconfigura. Em vez de uma oposição espacial relativamente estável, observa-se a constituição de arranjos mais complexos de diferenciação, nos quais distintos níveis de acesso à infraestrutura, ao emprego e à mobilidade coexistem no interior dos próprios territórios periféricos (Marques; Torres, 2005).

PENSAR FORA DO EIXO

As contribuições de Caldeira (2000) permitem compreender essa dinâmica ao demonstrar que a segregação urbana contemporânea se reestrutura por mecanismos mais difusos de separação socioespacial. A produção de enclaves urbanos, a intensificação de dispositivos de segurança e a redefinição de fronteiras simbólicas indicam que a segregação passa a operar não apenas pela distância física em relação ao centro, mas por formas combinadas de controle e seletividade no acesso à cidade.

Nesse cenário, as periferias deixam de ser compreendidas como espaços homogêneos ou unificados. Elas se constituem como territórios marcados por diferenciação interna, nos quais convivem distintas formas de inserção econômica, diferentes níveis de acesso à infraestrutura e múltiplas temporalidades da urbanização. Essa heterogeneidade expressa as formas contemporâneas de produção do espaço urbano.

A análise dessas dinâmicas exige deslocar o foco da distribuição espacial da população para os processos que estruturam as condições concretas de acesso à cidade. Isso implica compreender a produção do espaço urbano como resultado da articulação entre estruturas econômicas, ação estatal e práticas sociais, que operam em escalas distintas.

É nesse quadro que o debate sobre a produção do espaço urbano se torna central. A cidade não pode ser compreendida apenas como suporte das desigualdades, mas como condição ativa de sua produção, na medida em que organiza fluxos, define acessos e estrutura possibilidades diferenciadas de circulação e permanência.

2. O Lado Leste como recorte das articulações da urbanização contemporânea

O Lado Leste do município de São Paulo é mobilizado neste artigo como recorte empírico que permite observar, de forma articulada, dimensões centrais da produção contemporânea do espaço urbano. Sua relevância analítica não decorre de sua excepcionalidade, mas da forma como concentra processos que, na literatura urbana, tendem a ser analisados de maneira separada.

As interpretações sobre a urbanização brasileira contribuíram para a compreensão da produção histórica das periferias e da consolidação de uma estrutura socioespacial desigual. No entanto, as dinâmicas recentes da metrópole indicam que a reprodução das desigualdades passa a ocorrer por combinações mais complexas de processos econômicos, institucionais e territoriais.

Nesse contexto, o Lado Leste permite observar não a presença isolada de transformações urbanas, mas sua articulação simultânea no território. Expansão da infraestrutura, mudanças nas formas de mobilidade, reconfigurações do mercado de trabalho e novas dinâmicas de produção habitacional

PENSAR FORA DO EIXO

coexistem e se combinam de maneira desigual, produzindo diferentes padrões de inserção urbana no interior da metrópole.

As contribuições de Telles (2010) ajudam a compreender que a vida urbana nas periferias se organiza por múltiplos circuitos de inserção social e econômica, nos quais trabalho formal e informal, práticas legais e ilegais e estratégias de reprodução cotidiana não aparecem como esferas separadas, mas como dimensões articuladas. No Lado Leste, essa articulação se expressa como forma de funcionamento do território.

De maneira semelhante, os processos de mobilidade urbana não podem ser compreendidos apenas como deslocamentos, mas como parte de estruturas mais amplas de circulação que conectam moradia, trabalho, serviços e consumo. A forma como essas redes se organiza no Lado Leste evidencia padrões desiguais de integração à metrópole.

A expansão do consumo popular e o acesso ao crédito também integram esse conjunto de transformações. Esses processos não se limitam à ampliação do mercado consumidor, mas se articulam a formas de endividamento e à permanência de circuitos informais de circulação econômica, produzindo formas combinadas de inserção econômica no território.

As análises de Caldeira (2000) permitem compreender que a segregação urbana contemporânea se reconfigura por mecanismos mais difusos de diferenciação e seletividade, que não operam apenas entre centro e periferia, mas também no interior dos próprios territórios periféricos.

Nesse mesmo sentido, Marques aponta que a heterogeneidade intraurbana constitui uma característica estrutural das metrópoles contemporâneas, expressa em diferentes padrões de acesso à infraestrutura, à renda e às oportunidades urbanas.

O que essas contribuições permitem compreender é que o Lado Leste não se define por um único processo, mas pela articulação entre múltiplas dimensões da urbanização contemporânea. Mobilidade, trabalho, consumo, habitação e segregação operam de forma simultânea e interdependente na produção das desigualdades urbanas.

Dessa forma, a seção seguinte analisa o Lado Leste a partir de indicadores empíricos de infraestrutura, renda, mobilidade e habitação, buscando observar como essas dinâmicas se materializam territorialmente.

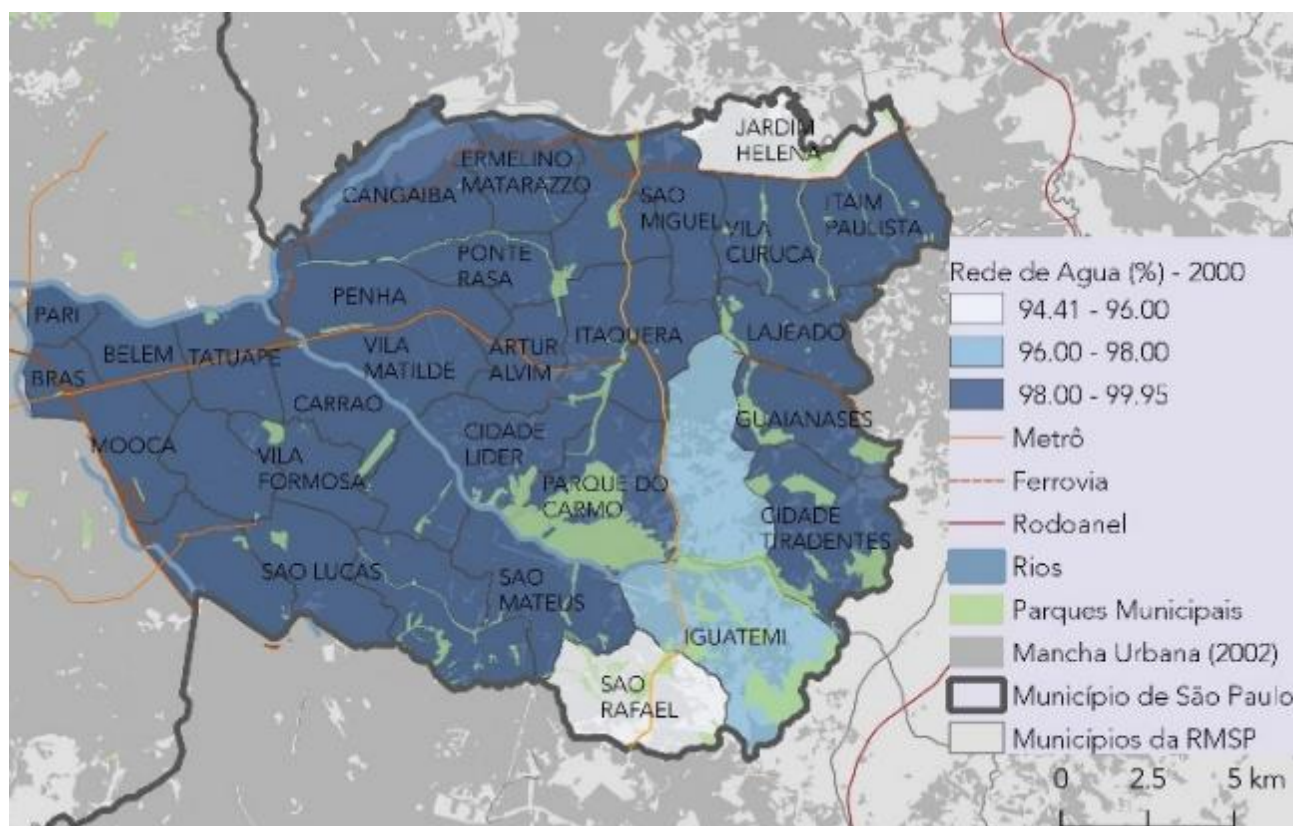
PENSAR FORA DO EIXO

3. DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL E PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO LADO LESTE

A análise do Lado Leste do município de São Paulo revela a sobreposição de diferentes lógicas de urbanização, nas quais melhorias infraestruturais, formas de precariedade e distintos níveis de integração urbana se articulam de maneira desigual no território. Trata-se de um espaço produzido por combinações históricas que permanecem ativas, ainda que se expressem de modos distintos ao longo do tempo.

Entre 2000 e 2014, observa-se uma ampliação importante da infraestrutura urbana, especialmente no abastecimento de água e na expansão da rede de esgotamento sanitário. As Figuras 1 e 2 indicam esse movimento de forma clara, mostrando a consolidação de serviços básicos em áreas antes marcadas por maior precariedade.

Figuras 1 – Rede de Abastecimento de água, 2000

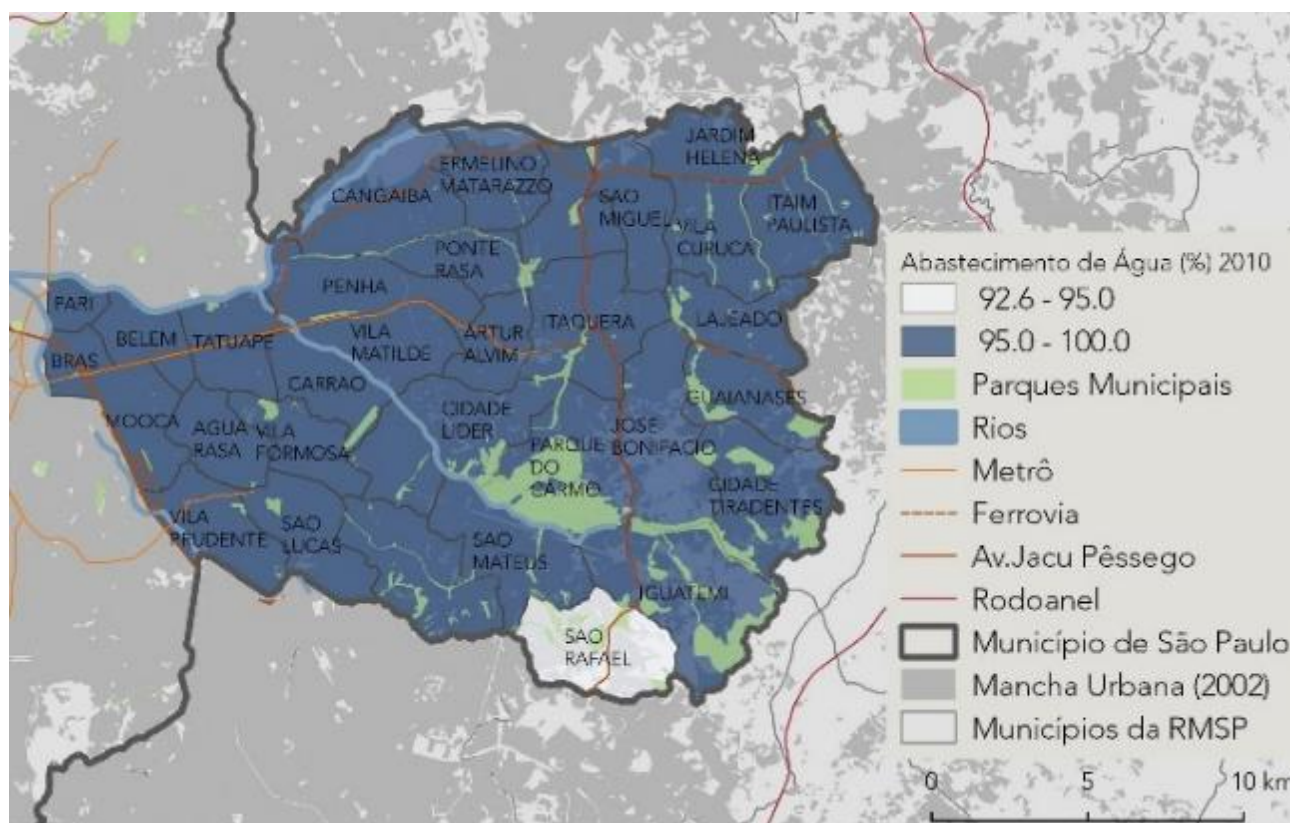


Fonte: Base Cartográfica do Mapa Digital da Cidade de São Paulo (PMSP) e Censo IBGE, 2000

Elaboração: Autor(a), 2020

PENSAR FORA DO EIXO

Figuras 2 – Rede de Abastecimento de água, 2010

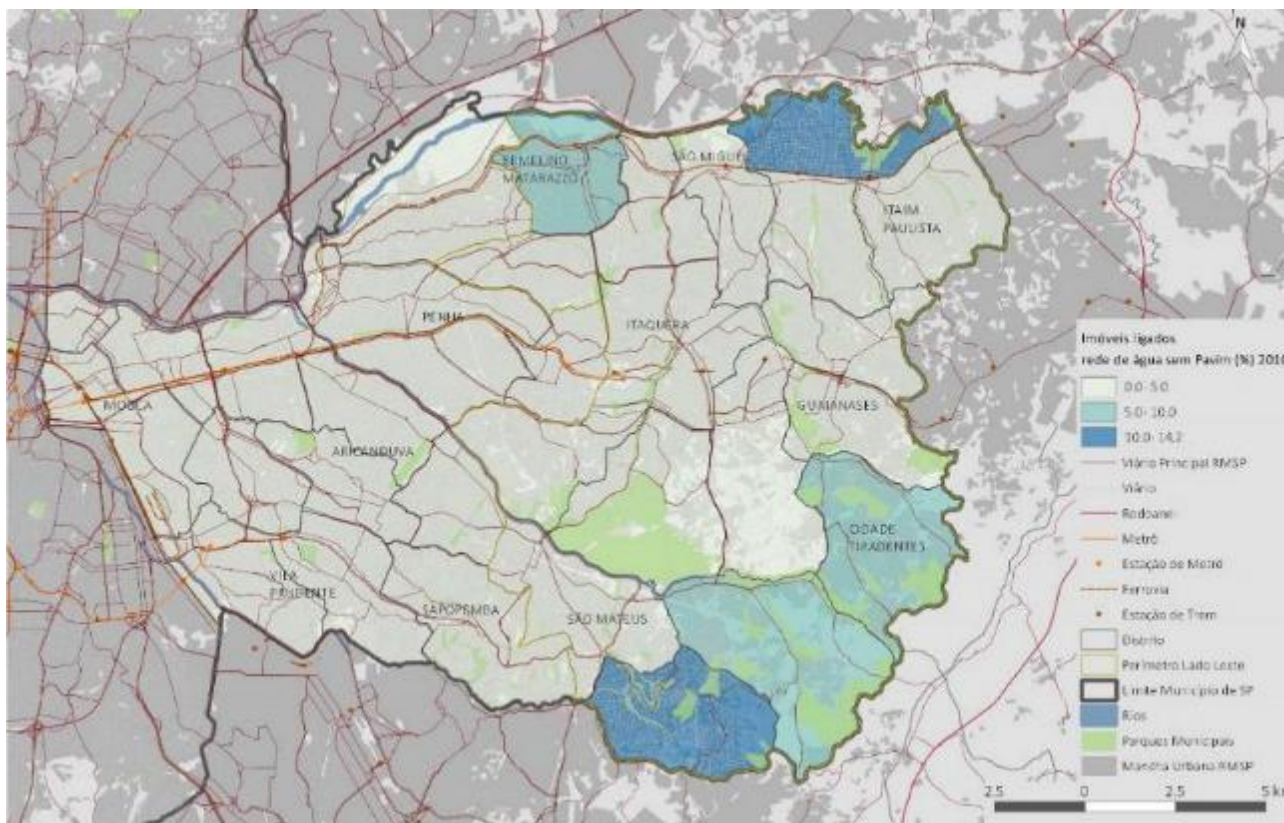


Fonte: Base Cartográfica do Mapa Digital da Cidade de São Paulo (PMSP) e Censo IBGE, 2010
Elaboração: Autor(a), 2020

Esse processo, no entanto, não se distribui de maneira homogênea. A presença de infraestrutura básica convive com situações em que a urbanização permanece incompleta, como se observa na Figura 3, onde domicílios conectados à rede de água ainda estão inseridos em vias sem pavimentação.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 3 – Domicílios Particulares Permanentes ligados à rede geral de água, mas em vias sem pavimentação, 2010



Fonte: Base Cartográfica do Mapa Digital da Cidade de São Paulo (PMSP) e Censo IBGE, 2010

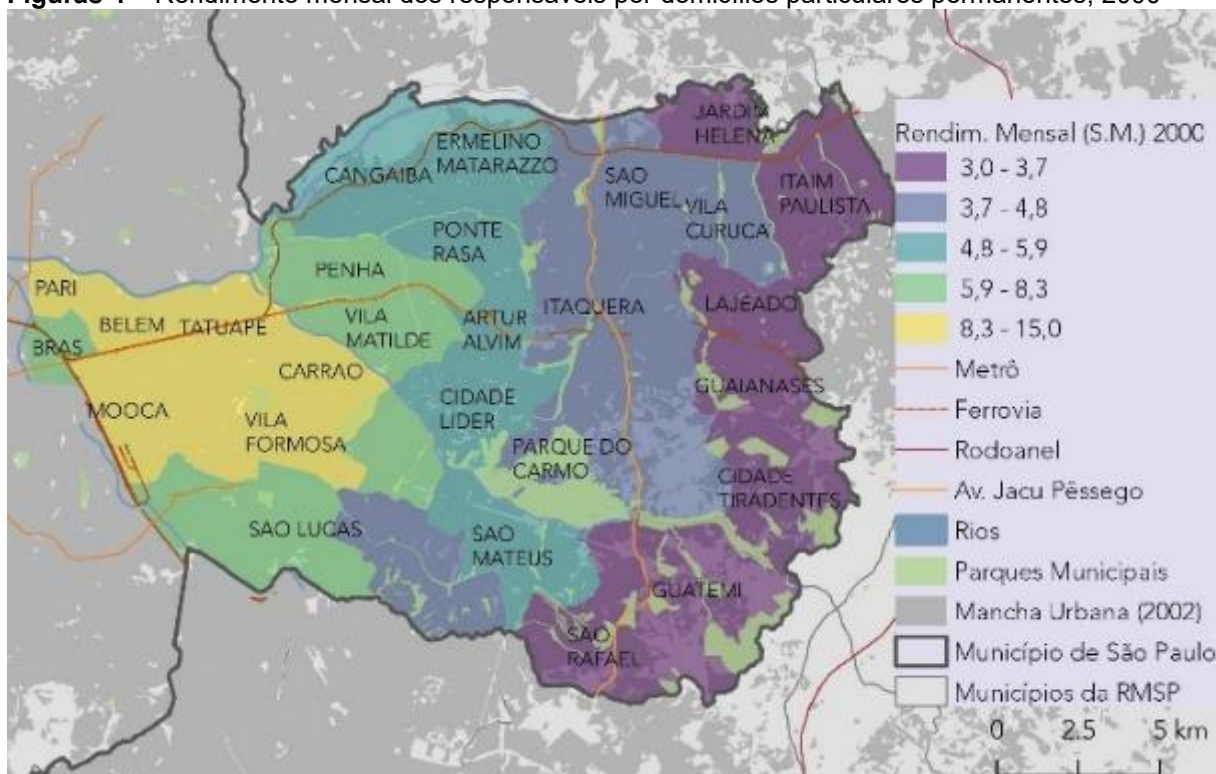
Elaboração: Autor(a), 2020.

O dado não aponta apenas uma insuficiência pontual de infraestrutura, mas a coexistência de diferentes níveis de urbanização no interior do mesmo território, onde a provisão de serviços não implica necessariamente a consolidação plena das condições urbanas.

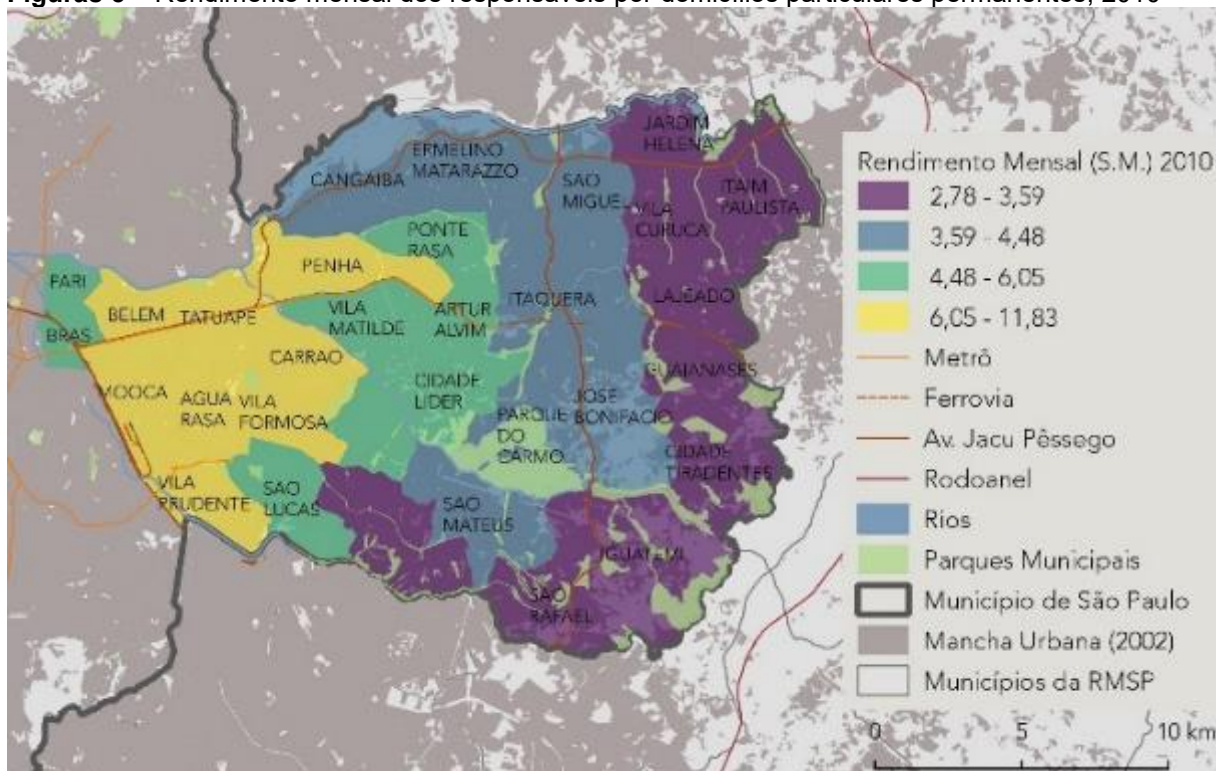
A dimensão da renda reforça esse padrão. As Figuras 4 e 5 mostram a concentração de baixos rendimentos em diversos setores do Lado Leste, associada também à presença significativa de população jovem, o que contribui para configurar dinâmicas específicas de inserção no trabalho e na vida urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

Figuras 4 – Rendimento mensal dos responsáveis por domicílios particulares permanentes, 2000



Figuras 5 – Rendimento mensal dos responsáveis por domicílios particulares permanentes, 2010

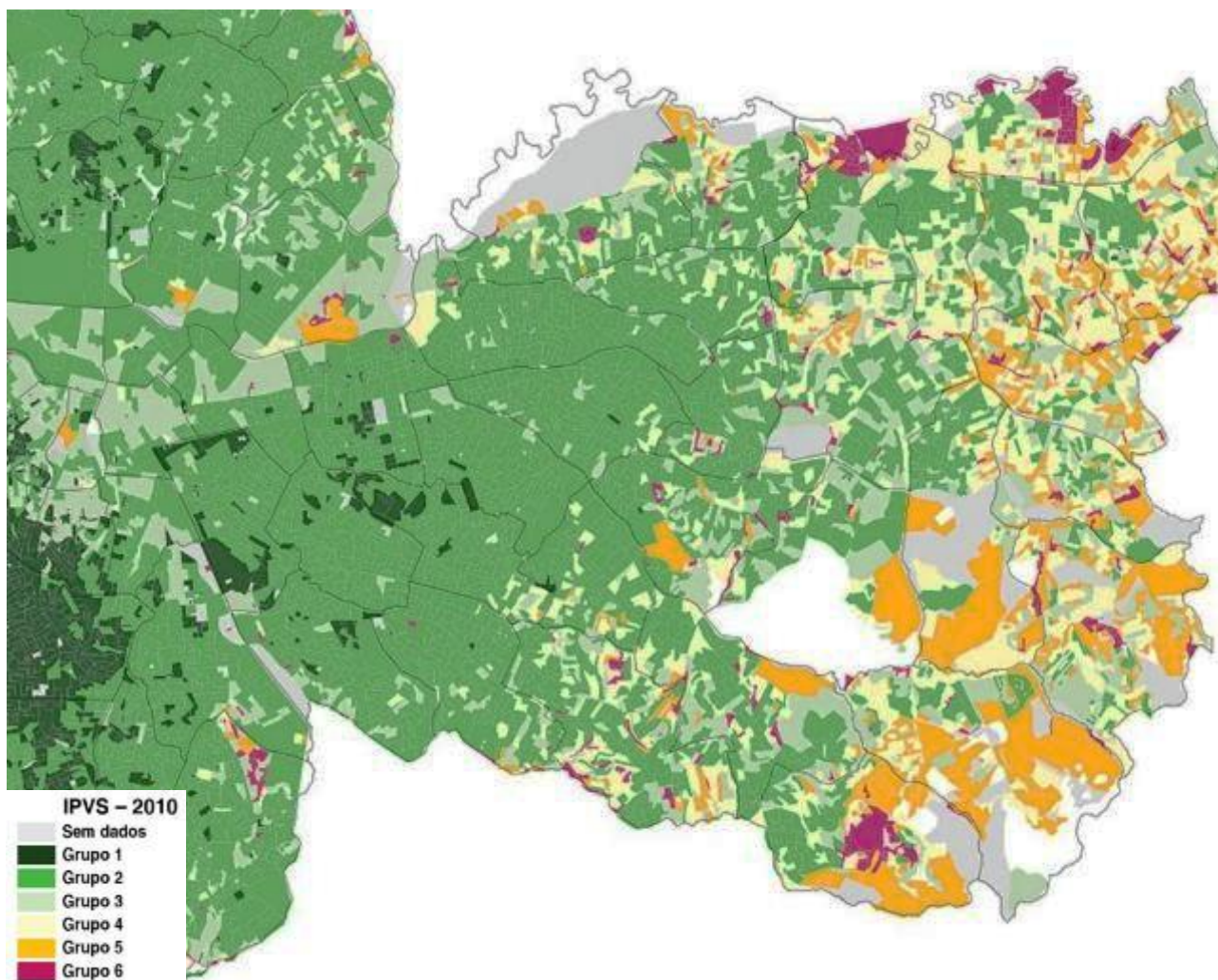


Fonte: Base Cartográfica do Mapa Digital da Cidade de São Paulo (PMSP) e Censo IBGE, 2000
Elaboração: Autor(a), 2020

PENSAR FORA DO EIXO

Essas condições se expressam de forma mais ampla quando se observa o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), que evidencia a concentração de maiores níveis de vulnerabilidade em amplas áreas do Lado Leste.

Figura 6 – Índice Paulista de Vulnerabilidade social (IPVS), 2010



Fonte: IBGE 2010; Fundação Seade, 2013, reprodução parcial. (Souza et. al., SEADE, 2013, p. 16)

A leitura combinada desses dados permite perceber que não se trata apenas de diferenças pontuais entre distritos, mas de gradientes internos de desigualdade, que estruturam o território de forma persistente.

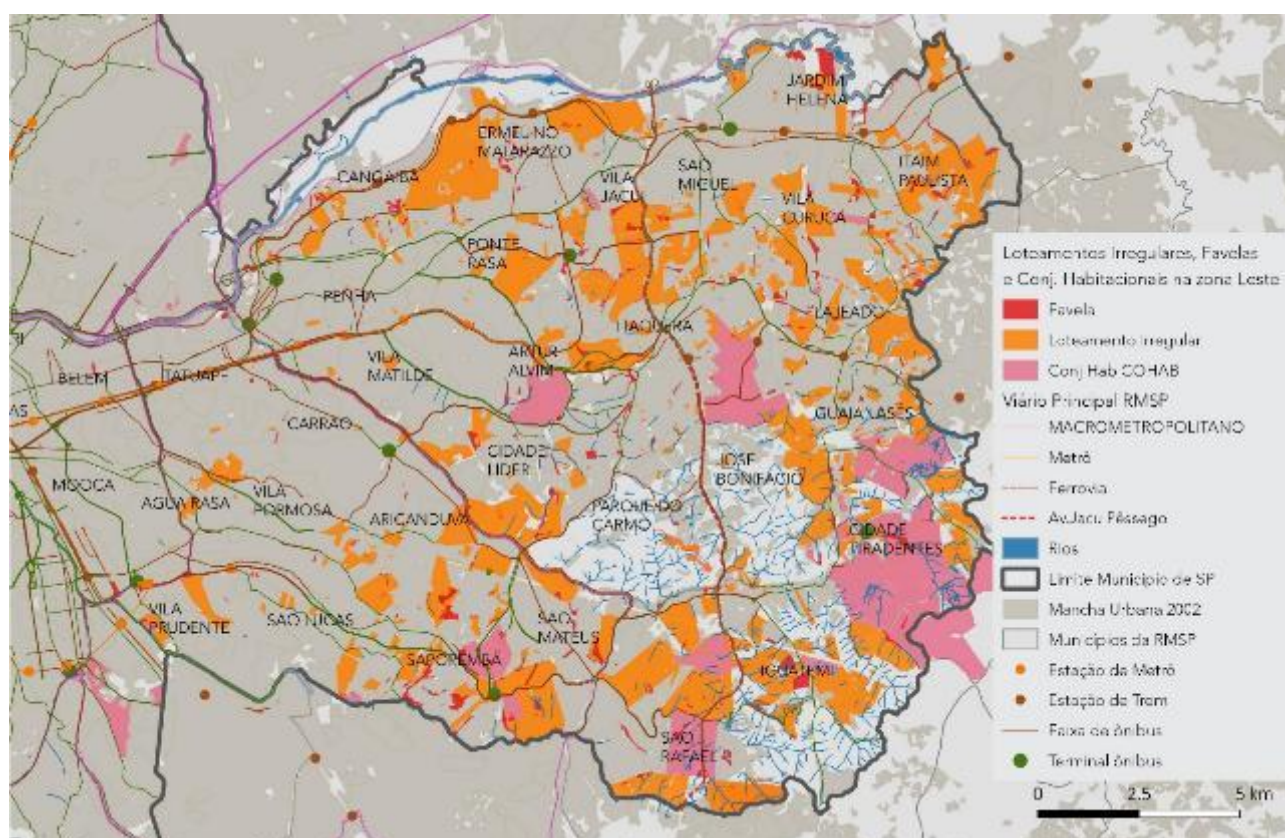
No caso da mobilidade, essa desigualdade aparece na forma de deslocamentos cotidianos longos entre os distritos do Lado Leste e os principais polos de emprego da metrópole. Em muitos casos, esses trajetos ultrapassam uma hora, evidenciando a distância funcional entre moradia e trabalho.

PENSAR FORA DO EIXO

Mais do que um problema de transporte, esses deslocamentos indicam a forma como a organização do espaço urbano separa, de maneira contínua, os lugares de residência e os lugares de oportunidade.

No campo da habitação, observa-se a coexistência de diferentes formas de produção do espaço: assentamentos irregulares, loteamentos não regularizados e conjuntos habitacionais implantados em áreas periféricas. Essas formas não se substituem, mas se sobrepõem, compondo um mosaico urbano heterogêneo.

Figura 7 – Loteamentos Irregulares, Favelas e Conjuntos Habitacionais na Zona Leste



Fonte: Base Cartográfica do Mapa Digital da Cidade de São Paulo (PMSP); Dados referentes aos loteamentos irregulares e favelas constantes do HabitaSampa / SEHAB, ano de referência 2016

Elaboração: Autor(a), 2020.

O conjunto desses elementos permite compreender o Lado Leste como um território em que infraestrutura, renda, mobilidade e habitação não operam como dimensões separadas, mas como partes de uma mesma dinâmica de produção do espaço urbano.

Nesse sentido, as melhorias urbanas observadas no período não significam redução linear das desigualdades, mas sua reorganização em novas combinações territoriais, nas quais avanços e permanências coexistem de forma estruturante.

4. Produção do espaço e reestruturação territorial: infraestruturas, mercado e ação estatal no Lado Leste

A leitura integrada dos indicadores apresentados na seção anterior permite compreender as transformações no Lado Leste como resultado da interação entre infraestrutura urbana, dinâmicas econômicas e ação estatal. Esses processos alteram condições de urbanização de forma significativa, mas sua distribuição territorial permanece desigual e articulada a lógicas de valorização e diferenciação espacial.

A configuração observada no Lado Leste está relacionada às transformações da economia metropolitana a partir da década de 1990. A reestruturação produtiva, marcada pela redução relativa da atividade industrial e pela expansão dos setores de comércio e serviços, redefiniu a organização espacial da metrópole. A consolidação de novas centralidades e a intensificação dos fluxos de pessoas, mercadorias e capitais produziram uma reorganização territorial baseada na diferenciação funcional entre áreas.

Essa reorganização fortaleceu processos de distinção espacial que concentraram investimentos, atividades econômicas e valorização fundiária em determinados setores da metrópole, enquanto outros permaneceram em posições subordinadas. Como desenvolvido por Villaça (1998) a consolidação do vetor sudoeste como eixo de concentração de renda e investimentos imobiliários expressa essa dinâmica em escala metropolitana.

No interior desse processo, o Lado Leste se insere como área cuja trajetória evidencia formas específicas de participação na divisão socioespacial do trabalho. A presença de atividades industriais remanescentes, a expansão de funções logísticas e o crescimento de serviços de menor complexidade configuram uma inserção econômica distinta das áreas de maior concentração de capital.

Os indicadores analisados mostram que a ampliação da infraestrutura urbana e da acessibilidade não foi acompanhada por diversificação equivalente das atividades econômicas nem por maior retenção de investimentos. Assim, se consolidaram padrões territoriais nos quais melhorias urbanas convivem com limitações na estrutura de oportunidades econômicas.

No Lado Leste, esses investimentos apresentam seletividade espacial. Áreas com melhor infraestrutura e maior acessibilidade concentram novos empreendimentos e processos de valorização fundiária, enquanto outras mantêm baixa atratividade imobiliária e padrões de urbanização precária. A distribuição desigual dos investimentos reforça a dependência entre valorização imobiliária, infraestrutura e acessibilidade, produzindo trajetórias diferenciadas no interior do próprio território.

PENSAR FORA DO EIXO

As transformações econômicas se articulam às dinâmicas do mercado imobiliário, que passa a desempenhar papel central na produção do espaço urbano. A partir dos anos 2010, se observa expansão da produção habitacional impulsionada pelo crédito, pela atuação de grandes incorporadoras.

A incorporação da habitação de interesse social ao circuito imobiliário altera a dinâmica da produção habitacional. Programas como o Minha Casa Minha Vida ampliam a produção de moradias formais e envolvem grandes empresas privadas na produção de habitação popular. Essa mudança modifica os agentes envolvidos, mas mantém os condicionantes territoriais da localização da habitação. A lógica do custo da terra continua orientando a implantação de empreendimentos em áreas periféricas e menos valorizadas.

Esse processo não substitui formas anteriores de produção da periferia, mas se sobrepõe a elas. Autoconstrução, loteamentos populares e conjuntos habitacionais estatais coexistem com produção privada, configurando um território marcado por diferentes temporalidades da urbanização.

A atuação do Estado constitui elemento central na produção do espaço urbano, por meio de investimentos, regulação e implantação de grandes projetos. Essas intervenções influenciam diretamente as condições de valorização e uso do território e não operam de forma homogênea, mas segundo lógicas seletivas que articulam infraestrutura, mercado e formas preexistentes de ocupação.

Essas dinâmicas de ação estatal se tornam mais evidentes quando observadas em intervenções específicas realizadas no território, que condensam a articulação entre infraestrutura, valorização e reestruturação urbana em diferentes escalas. A implantação do Complexo Viário Jacu-Pêssego constitui um exemplo expressivo dessa condição. O empreendimento amplia a integração logística da metrópole, conectando o sistema viário ao porto de Santos e ao aeroporto de Guarulhos, reforçando a inserção regional do Lado Leste.

Na escala local, entretanto, a infraestrutura introduz descontinuidades no tecido urbano e dificulta a articulação entre bairros. A baixa conectividade transversal e a integração limitada ao sistema viário local evidenciam efeitos diferenciados conforme a escala de análise.

O Lado Leste mostra, assim, que infraestrutura não atua apenas como suporte técnico, mas como elemento ativo na produção de diferenciações espaciais, podendo produzir simultaneamente integração e fragmentação.

Dinâmicas semelhantes aparecem no Polo Institucional de Itaquera e nos investimentos associados à Copa do Mundo de 2014. Essas intervenções ampliaram infraestrutura e centralidade regional,

PENSAR FORA DO EIXO

mas concentraram efeitos em áreas específicas, reforçando padrões seletivos de valorização e reestruturação territorial.

A articulação entre infraestrutura, mercado imobiliário e ação estatal produz configurações territoriais diferenciadas no Lado Leste. Esses processos explicam a coexistência entre melhorias urbanas, valorização seletiva e permanência de desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo permite afirmar que as transformações observadas no Lado Leste do município de São Paulo não podem ser interpretadas nem como continuidade linear dos padrões clássicos de periferização, nem como sua superação. O que se observa é a recomposição das formas de produção da desigualdade urbana a partir da articulação entre infraestrutura, reestruturação econômica e dinâmicas do mercado imobiliário.

Os resultados indicam que a ampliação das condições materiais de urbanização não produz, por si só, convergência nas formas de inserção urbana. Investimentos públicos, expansão da produção habitacional e mudanças na estrutura econômica da metrópole atuam de forma combinada, reorganizando continuamente as condições de valorização do território e produzindo arranjos desiguais entre melhorias urbanas e permanência de precariedades.

Nesse processo, a desigualdade socioespacial não aparece como resíduo de um modelo urbano anterior, mas como parte constitutiva da produção contemporânea da metrópole. As diferenças internas ao Lado Leste evidenciam que a urbanização não se realiza de forma homogênea, mas por trajetórias distintas de integração, valorização e permanência de condições desiguais no interior do mesmo território.

A análise do Lado Leste permite deslocar a interpretação das periferias de uma leitura centrada em déficits urbanos para uma compreensão orientada pelos mecanismos que produzem e reorganizam essas desigualdades. O território evidencia como diferentes agentes, escalas e racionalidades participam da produção do espaço urbano contemporâneo.

Mais do que um caso particular, o Lado Leste revela dinâmicas mais amplas da urbanização paulistana, nas quais integração e diferenciação não operam como polos opostos, mas como dimensões simultâneas de um mesmo processo. A produção da metrópole se estrutura, assim, por combinações seletivas que redefinem continuamente as formas de inserção territorial.

Nesse sentido, a principal contribuição do artigo reside em demonstrar que a compreensão das periferias contemporâneas exige considerar a articulação entre processos econômicos, políticas

PENSAR FORA DO EIXO

públicas e dinâmicas de produção do espaço, não como elementos convergentes, mas como relações que produzem efeitos desiguais e territorialmente diferenciados.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp; Editora 34, 2000.
- CANUTTI, Rita Cássia. O Lado Leste: o papel do planejamento urbano e suas contradições no processo de urbanização em territórios periféricos da zona Leste. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP, São Paulo, 2020.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARICATO, Ermínia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MARQUES, Eduardo; BICHR, Renata. Investimentos públicos, infraestrutura urbana e produção da periferia em São Paulo. *Espaço & Debates*, São Paulo, v. 27, n. 42, p. 9–30, 2002.
- MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Senac, 2005.
- MARQUES, Eduardo. *São Paulo no século XXI: segregação, pobreza e desigualdades urbanas*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2010.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1998.